



Da noção de currículo da tradição que o concebia como estudo das formas de plane-
jão, Lopes e Macedo, em sua obra *Técnicas do currículo*, destacaram as ideias de "currí-
culos concebidos nas histórias de vida dos sujeitos a partir dos quais os "conteúdos" curri-
culares se tornam existencialmente significativos" (LOPES E MACEDO, 2001, p.66). Pen-
sar o currículo desta forma, possibilita experimentar um planejamento em torno de
temas culturais, compreendendo o planejamento como um texto pedagógico pro-
duzido no espaço da escola e o ato de planejar como uma prática delibera-
da de construção de outros significados curriculares possíveis, que em oposição de
"qual conhecimento deve ser ensinado", levam em conta a diversidade cultural.

Pensando nisso, a seguir, proponho um planejamento com três aulas duplas
(contem duas horas de aula), com atividades elaboradas numa sequência di-
dática, levando em conta os aspectos que envolvem o currículo (o que ensi-
nar [o que temas significativos/distintos, modo de ensinar, ou no processo de
ensino-aprendizagem], a diversidade cultural: a oralidade e a escrita, e
como ensinar, ou, de que modo operacionalizar a proposta de ensino-
aprendizagem dentro das aulas, ou espaço de sala de aula, para educandos
do 1º ano do Ensino Fundamental II, sem deixar de considerar o as-
pecto de avaliação que propõe este planejamento).

Para as três aulas duplas, sob o tema geral de Diversidade,
objetiva-se explorar os aspectos de diversidade, diferenças, semelhan-
ças, ou respeito à alteridade; o respeito às diferenças - diferenças
estas que juntos apontam para a diversidade já sentida. Busca-
se de poder ser e experimentar - se como sujeitos únicos em meio
aos outros em aulas que não sejam da disciplina de Língua Por-
tuguesa e Literatura, porém em conta o ensino-aprendizagem da
língua materna ou sua dimensão falada e escrita, a questão
da leitura, interpretação de textos, sem deixar de lado a produção
de textos, ~~combinando~~ variando quanto ao gênero, a formalidade/infor-
malidade, bem como quanto a questões da variedade linguística ou
a presença de variantes linguísticas, diferentes ^{registros e} usos de língua e da
linguagem para que os alunos tenham em contato e experimentem a
plena liberdade de possibilidades, de usos e relações dialógicas e de



deixando possibilidades pela língua e a linguagem.

Assim, a proposta embasa-se primeiro na leitura, e em alguns momentos com a temática proposta, adições que os alunos registrem, como nome "chave de ideias". Todas as noções, lembranças, palavras e ideias que remetam a noção de diversidade/diferente/diferenças. A atividade nasce da mediação do professor(a) por intermédio do assunto/temática com uma explicação oral em um texto verbal / não verbal e /ou multimodal como um poema, letra de música, charge, ou outro que possibilite abrir e ampliar a discussão, o interesse pela temática, a curiosidade, a participação decente. Esta atividade seria individual e, logo em seguida, os alunos reunidos em grupos, pesquisariam as definições de diversidade em dicionários (de suporte escrito e/ou visual). Após a pesquisa, os discentes registrariam em uma folha as anotações das pesquisas realizadas para depois buscarem um consenso a respeito de uma definição possível para o termo / a palavra "diversidade", discutindo entre si (grupos da atividade proposta). Num terceiro momento, os grupos socializariam as informações pesquisadas e sistematizadas apresentando uma definição de diversidade que poderia se ater às informações colhidas e ou haja as visões, interpretações e conhecimentos prévios dos educandos/grupos, a partir da explicação do professor(a) por ocasião da proposta da atividade que habilita os níveis da modalidade de escrita, proporcionando a exposição plene escrita através do uso ^{prático} da língua.

Numa segunda aula, dando continuidade ao trabalho com tal temática, seriam apresentadas fontes diversas e diferentes a lerem que, divididos em grupos, poderiam trabalhar a leitura e interpretação de tais fontes de exercícios elaborados e propostos ~~anteriores~~ para esta atividade. Os textos de gêneros variados variado como tirinhas, charges, letras de músicas, textos publicitários e ilustrações abordariam para as noções de diversidade cultural e cada grupo faria a interpretação textual mediada pelo apoio do professor(a) em aula. O professor(a) faria intervenções e explicações chamando a atenção dos alunos/grupos para problematizar e refletir sobre: O que é ser diferente? Que diferenças há nos textos? Como os textos são iguais ou diferentes?

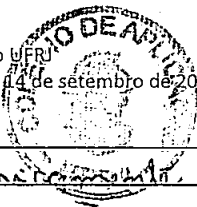


Na terceira aula se encenaria a dependência didática com a apresentação e discussão do texto elaborado por cada grupo coletivamente em sala de aula. A atividade seria efetuada em forma de seminário. Em alguns momentos das interpretações feitas, apresentariam para os colegas, a sua visão interpretativa a respeito da temática da diversidade cultural (exemplada pelos textos e gêneros em atividade anterior de leitura e interpretação textual), socializando as visões e respeito da temática e interagindo por meio da linguagem.

A avaliação das aulas pode se dar a partir da observação da participação dos alunos nas atividades propostas, suas produções escritas e suas apresentações orais.

Desta maneira, objetiva-se um ensino plural, que promova o respeito às diferenças, que faça a teoria e a prática em a ação pedagógica e didática em função da diversidade cultural e da participação ativa discente em forma de um ensino-aprendizagem formativo e significativo.

Observações: O tratamento da oralidade e da linguagem escrita em seus usos e situações concretas de comunicação, busque não estabelecer uma hierarquia ou primazia de uma sobre a outra, mas um trabalho que propicie o uso das duas modalidades nas atividades propostas. Busque ainda considerar as características de cada modalidade.



Teoria curricular, podemos pensar o currículo como uma construção histórica. Para Silva (2003) há três matrizes correntes de teorias curriculares, que podem ser expressas em três grupos: as teorias curriculares tradicionais, as críticas e as pós-críticas.

As teorias pós-críticas (de 2000 em diante) entendem que o currículo tradicional atua como legitimador de preconceitos, pois é preciso que o currículo considere o outro, as diferenças, a diversidade com respeito, pois não existe um conhecimento sério e verdadeiro a ser insuado/aprendido, logo, o currículo é compreendido como perspectiva histórica, é possível de transformações nos diferentes tempos e lugares; é o que podemos perceber a partir do pensamento de Yvonez Tadeu da Silva em Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo, 2003.

Quilts também fala que as teorias críticas (1960) apontam que o currículo tradicional reproduz e legitima as desigualdades sociais da sociedade capitalista. Já as teorias pós-críticas partem da fenomenologia, da pós-estruturalismo e da ideia multiculturalista, crítica às teorias tradicionais (semelhante às teorias críticas que também empreendem a crítica das concepções tradicionais) e mais: aponta que para além do ato de ensinar a realidade social dos indivíduos era preciso compreender também os estereótipos étnicos e culturais. Já como a racialidade, o gênero e a orientação sexual e também os elementos históricos das diferenças entre sujeitos, com os e os outros, a reprodução e a marginalização e a luta por mudanças sociais no meio social.

Loftes (2006, p.16) diz que o conceito de currículo como forma de organização do conhecimento escolar, surge como importante nos reflexos sobre o papel social da escola. Assim, é a expressão definitiva de diversidades sociais e culturais, isto é, cabe refletir e debater conceitos e abordagens das implicações sociais e culturais no currículo escolar.

Para Sáenz (2000, p.14) "O currículo, em seu conteúdo e nos formas das quais se nos apresenta e se apresenta aos professores e alunos, é uma prática historicamente configurada, que se delimita dentro de uma determinada trama cultural, social e escolar."

Para Apple (2001, p.49): "o currículo e as questões educacionais mais



gêneros sempre estiveram atreladas à história dos conflitos de classe, raça, sexo e religião.

Giussani (2003, p. 103) diz que "Entre as práticas pedagógicas, princípios legais e políticas educacionais, a diversidade social, cultural desafia nossas práticas e nossos valores e nos coloca diante do nosso impasse maior: a diferença do outro ou a semelhança do mesmo."

Os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) preconizam o respeito às culturas e avalunçoes da diversidade (embora atentemos para o fato de que conclusões de caráter democrático neoliberal). Nesse respeito Gomes (2006) chama a atenção para o movimento de ruína as práticas pedagógicas e nos alerta com discursos democráticos falsos, como "vamos educar: um para todos" ou "todos são iguais" pois isto nos ameaça as diferenças sociais e, pelo contrário, reforça-as e, ainda, as desqualifica e as deslegitima que as acompanham.

Desta forma, educar o mesmo quem levar em conta que pensa as diferenças transformando-as em igual, ou seja, submetendo todos o sujeito a uma condição cultural padronizada/universal, mas é respeitar as especificidades e singularidades das diferenças. A temática diversidade e currículo nasce de levar em conta que a diversidade é uma construção histórica, cultural e social das diferenças, o que permite, entretanto, em torno da diversidade.

A diversidade também está presente na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) no art. 26, quando estabelece que os currículos do fundamental e médio devem ter uma base comum nacional que será complementada por uma parte diversificada.

A diversidade e as diferenças são assim importante porque serem questionadas, discutidas, refletidas e trabalhadas no espaço escolar. Mas elas "são também constituídas pelos sujeitos sociais ao longo do tempo histórico-cultural" (Gomes, 2006, p. 17). Elas também devem ser pensadas no espaço escolar porque como alertam MORRIS, CANDAU, como manifestações sociais nem sempre se configuram com palavras de autoras às diferenças. Realidade que suscita o combate aos preconceitos ainda existentes e, em



social, transferindo as práticas pedagógicas desenvolvidas pelas instituições formadoras, mediante a promoção do currículo multicultural." Assim, a escola deve fomentar o currículo e a diversidade cultural a partir da pluralidade, das diferenças, do multiculturalismo.

Na escola, a diversidade deve ser trabalhada de forma que todos os sujeitos se sintam iguais, sem que se reproduzam a ideia de inferioridade ou superioridade. Para a escola é espaço plural e instância privilegiada do aperfeiçoamento humano, logo, o respeito às diferenças culturais, sociais, linguísticas, de gêneros, raças, religiões, orientações sexual^{es}, designa respeito ao respeito para com o humano com sua diversidade, variedade, multiplicidade, identidade e capacidade de produzir significações, sentidos e significados a partir delas no meio social, sendo a linguagem, com sua variedade e multiplicidade, a grande produtora dos sentidos, significações e do próprio subjetividade e realidade que envolve o humano e o seu contexto.

Assim, a escola deve promover a ideia de uma língua e linguagem plural, variada, que antes de praticar o preconceito linguístico, combata; que ao invés de excluir, inclua; que ao contrário da marginalização para com sujeitos, modos de agir, se falar, pensar, falar e ser, memórias, a inclusão, a inclusão; que ao invés de apontar unicamente em textos canônicos em se tratando da literatura, ou em textos lida como do espaço escolar, opte por trabalhar com variados gêneros ~~textos~~ textuais explorando os seus aspectos linguísticos, expressivos, significativos ligados a um contexto de produção e uso da língua e da língua. Tem para uma educação linguística que valorize a pluralidade, mas discrimine as diferenças, mas ao respeito como parte da diversidade do social.



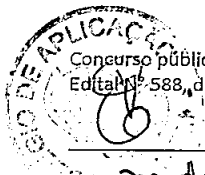
Sendo o CAP UFRJ (Colégio de Aplicação) da Universidade Federal do Rio de Janeiro) uma escola com sua co-responsabilidade de formar educadores licenciandos em Letras e de atuar em pesquisa e extensão, no que tange ao ensino de Língua Portuguesa e Literatura é mister que o professor no CAP atente para a questão curricular tendo em vista a diversidade cultural.

Tendo que envolvendo o currículo (o que ensinar) está a questão de como ensinar ou como ensinar o saber em ensino-aprendizagem de modo qualitativo e significativo, concernem refletir sobre a transposição didática e também sobre a recontextualização.

A partir do que é proposto no LDB, PCNs, PPP da escola, e outros como orientações curriculares, que é próprio da disciplina de Língua Portuguesa e Literatura: formar educandos críticos, capazes, ativos, aptos a lidar diferentes usos da linguagem nas diferentes situações comunicativas; saber interpretar e compreender textos de gêneros variados, usar as modalidades oral e escrita da língua, ser letrado no sentido de letramento como a capacidade de fazer uso e compreender o vasto espectro da língua, bem como ser letrado literariamente ou ser capaz de esteticamente fruir dos textos literários com um leitor literário; o professor do CAP tem como papel em promover a transposição didática dos saberes para o saber a ser ensinado no próprio, pois a esta que se reflete no ensino-aprendizagem de seus educandos e ainda, em formação de licenciandos em Letras.

Entender o processo de aprendizagem, por meio de ensino e aprendizagem, isto compreendido, e por isso mesmo está atento para o fato de que discursos circulam e que textos guardam de diferentes leituras com as suas múltiplas "recontextualizações" (LORDS & MARSHALL, 2001, 106)

Não há um saber a priori, mas lutas políticas que se legitimam em campos disciplinares. Logo, Mauro afirma que "as disciplinas são contribuições sociais que atendem a determi-



... das finalidades da educação... "veristo, não têm sujeito em determinado território; sustentam e são sustentadas por relações de poder que produzem naturezas" (LOPES E MACELO, 2011, p. 171)

Pensar um currículo histórico didaticamente e recontextualizá-lo criticamente, de modo a... ajudar a entender o currículo e entendê-lo como uma fronteira da diversidade cultural... como em Verbe nota "como produto que é razão de produção, formas de pensar...". É ainda, que aponta para a emancipação e a resistência por meio do deslocamento dos estudos curriculares da análise macro-teórica para a escola para as dimensões: os estudos que dialogam a prática e o cotidiano, desmaterializando a separação entre discurso e implementação curricular e ações que se confrontam as temáticas da contemporaneidade e da resistência.

Neste sentido, a resistência está em entender a escola como locus de luta por hegemonia e não como um reflexo determinado das relações hegemônicas" (LOPES E MACELO, 2011, p. 165)

Há alternativas curriculares emancipatórias partindo dos estudos do cotidiano, da prática escolar, com possibilidades de resistência e emancipação... Há múltiplas demandas pela emancipação em contextos diversos onde "uma motivação contemporânea constitui-se em luta cultural, política" (LOPES E MACELO, 2011, p. 187). Para as autoras, a escola, onde se tem como função a socialização da juventude, deixando-os a partir de uma mesma cultura, contemporaneamente: "esse ato de caráter universal, é posto em questão por sociedades que se combatem, a cada dia, mais multi-culturais" (p. 185) e a escola para a ter uma função crítica, libertada e uma nova de currículo instituinte no sentido de desinstaurar discursos, desinstaurar hegemonias e promover um entendimento necessário da diversidade.